

MEDO. Apesar de gastar R\$ 5 milhões por ano, universidade não consegue evitar assaltos

Ufal cobra segurança à Polícia Militar

O professor Valmir Pedrosa, pró-reitor de Gestão Institucional da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), cobra maior presença da Polícia Militar (PM) dentro do campus A.C. Simões, em Maceió, alvo constante da ação de delinquentes, sempre de olho nos telefones e computadores portáteis dos acadêmicos.

"Geralmente, a viatura da PM fica na entrada do campus, garantindo a segurança dos alunos em direção ao ponto de ônibus. Os militares poderiam, no entanto, intensificar o trabalho ostensivo dentro da

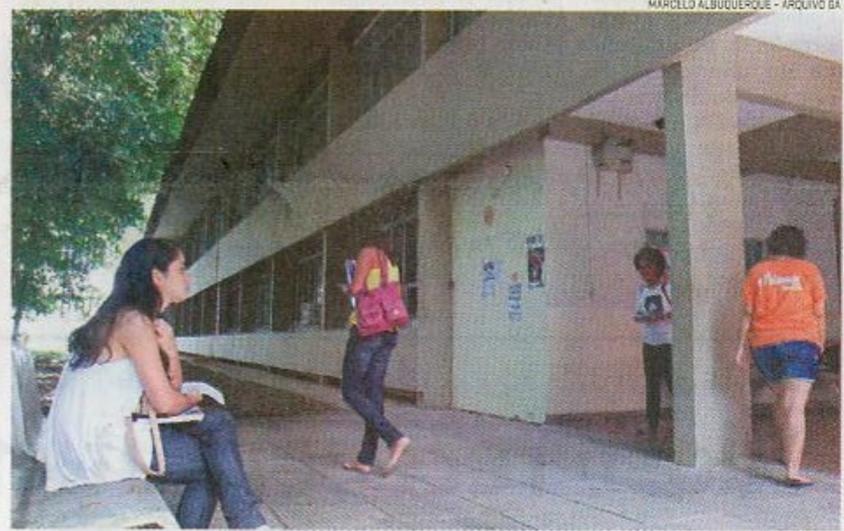
instituição", cobrou o professor, um dia depois da ação de larápios dentro do bloco de Geografia.

"Depois da ação dos criminosos, estamos mais precavidos e já não ostentamos notebooks ou telefones na área externa do bloco", explicou à **Gazeta**, ontem à tarde, o estudante Luciano Henrique. "Quem saía no fim da aula, sai mais cedo para evitar o encontro com figuras suspeitas", reforça.

Os cuidados com a segurança pessoal foram redobrados depois do ataque, segunda-feira à tarde, de dois assaltantes con-

tra duas estudantes, no estacionamento. A empresa de vigilância patrimonial não teria percebido a movimentação criminosa.

Depois de prestar queixa contra o assalto, as vítimas foram orientadas pela cúpula da instituição a cobrar à empresa responsável pela vigilância patrimonial, através de recurso administrativo, o ressarcimento do prejuízo a partir da subtração dos objetos. "Como a ação criminosa aconteceu em área sob vigilância da empresa, elas têm direito ao ressarcimento", explica o professor Valmir Pedrosa.



Na última segunda-feira, dois assaltantes atacaram duas estudantes, no bloco de Geografia da Ufal

Anualmente, a instituição investe R\$ 5 milhões para "garantir" a segurança patrimonial não apenas na capital, mas ainda em outras seis cidades do interior onde funcionam campi ou polos avançados. No total, 110 vigilantes, dos quais 48 em Maceió. Ne-

hum deles atua armado.

Ontem, ele também se reuniu com a direção da empresa de vigilância para cobrar nova estratégia de combate à violência dentro das áreas comuns.

"A segurança dentro do campus sempre foi precária", reforça Lucas Barros,

acadêmico de Economia e ex-integrante da diretoria do Diretório Central dos Estudantes (DCE). "De vez em quando, a gente observa a passagem da Polícia Militar", comenta. A **Gazeta** não conseguiu contato com o Comando de Policiamento da Capital. **MM**